



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**MICHELLE CLAUDINO DE OLIVEIRA**

**AUTOBIOGRAFIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: REFLEXÕES SOBRE A  
EXPERIÊNCIA ESCOLAR.**

**GUARABIRA  
2017**

**MICHELLE CLAUDINO DE OLIVEIRA**

**AUTOBIOGRAFIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: REFLEXÕES SOBRE A  
EXPERIÊNCIA ESCOLAR.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto.

**GUARABIRA  
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48a Oliveira, Michelle Claudino de  
Autobiografia e formação de professores [manuscrito] : reflexões sobre a experiência escolar / Michelle Claudino de Oliveira. - 2017.  
20 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em HISTÓRIA)  
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.  
"Orientação: Francisco Fagundes de Paiva Neto, Departamento de História".

1. Memória. 2. Autobiografia. 3. Formação de Professores.  
I. Título.

21. ed. CDD 371.12

MICHELLE CLAUDINO DE OLIVEIRA

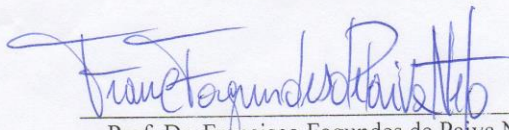
AUTOBIOGRAFIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: REFLEXÕES SOBRE A  
EXPERIÊNCIA ESCOLAR.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao curso de Licenciatura plena em História da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento aos requisitos necessários para  
obtenção do grau de Licenciatura em História.

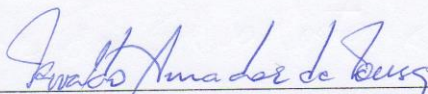
Orientador: Prof. Dr. Francisco Fagundes de  
Paiva Neto.

Aprovada em: 12/04/2017.

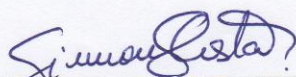
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto.  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
(Orientador)



Prof. Ms. Rivaldo Amador de Souza  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
(Examinador)



Prof.<sup>a</sup> Dr. Simone da Silva Costa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
(Examinadora)

A minha família que é minha fortaleza, em especial  
Ao meu esposo e filhos sem eles nada seria possível  
dedico.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois sem ele nada somos.

Aos meus pais, José Vanderlei Cosme de Oliveira, a minha mãe Marinalva Claudino Neri, enfim a minha família.

Agradeço em especial ao meu esposo Lorivaldo Luiz Nascimento Alves, pelo apoio que sempre me deu para que eu pudesse continuar e nunca desistir, e sempre esteve disposto a ficar com nossa filha todas as noites para que eu pudesse frequentar a universidade.

Agradeço a minha pequena filha Maria Eloize, por me proporcionar momentos de carinhos e ternura e risadas em muitos momentos.

Agradeço as minhas amigas Joelma Felipe e Lucigleicy Dias de Oliveira, pelos momentos de alegria que dividimos durante todo o curso na UEPB, e por todo o apoio que me deram mesmo fora da universidade.

Agradeço a meu orientador Francisco Fagundes de Paiva Neto, por toda paciência que teve comigo e por toda ajuda que me deu para que eu pudesse concluir meu Trabalho.

Agradeço a todos os professores que direta e indiretamente contribuíram para a minha formação desde que iniciei os meus estudos, aos colegas de curso, e a todos os funcionários das escolas das universidades que direta ou indiretamente contribuem para a nossa formação como cidadão e profissional.

“A história é emula do tempo, exemplo do presente, advertência do futuro”.

(Miguel Cervantes)

## SUMÁRIO

|            |   |           |
|------------|---|-----------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>09</b> |
| <b>2</b>   | <b>AUTOBIOGRAFIA E ESTÁGIO SUPERVISIONADO: breves<br/>considerações teóricas.....</b> | <b>10</b> |
| <b>3</b>   | <b>MEMORIAL.....</b>  | <b>12</b> |
| <b>3.1</b> | <b>Reconhecimento do campo de estágio.....</b>  | <b>15</b> |
| <b>4</b>   | <b>O ENSINO DE HISTÓRIA – Elaboração das aulas.....</b>                               | <b>16</b> |
| <b>5</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>19</b> |
|            | <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>20</b> |



## AUTOBIOGRAFIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA ESCOLAR.

Michelle Claudino de Oliveira\*

### RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a nossa formação escolar, avaliando os limites do ensino em uma área periférica de uma região periférica do Brasil. Buscamos refletir sobre a importância da autobiografia na formação dos profissionais da área docente relacionando com as nossas próprias memórias, que nos ajudaram a traçar estratégias de ensino no nosso estágio. Utilizamos como metodologia a avaliação bibliográfica de autores como: Catani (2003), Bolívar (2002), Martins (2012), Paiva Neto (2015), Borges e Braga (2001), Souza (2004), Bueno (2002) que discutem a importância da memória na formação profissional e como fonte de pesquisa na formação de cada estudante. Assim, por fim, tivemos como meta expor as estratégias de organização, elaboração e relatos das aulas, realizadas no estágio, no colégio Monsenhor Emiliano de Cristo (Polivalente) situado na cidade de Guarabira/ PB.

**Palavras-Chave:** Memória. Autobiografia. Formação de Professores.

### 1 INTRODUÇÃO

A regência é um estágio obrigatório e é uma exigência da Lei de Diretrizes de Base (LDB) para alunos que cursam o ensino superior na área da educação. Assim, as licenciaturas possuem um laboratório específico para um experimento com o seu principal campo de trabalho, a sala de aula. Nesse trabalho inicial com os estudantes do ensino médio, os estagiários irão se confrontar não com a teoria, mas com a prática docente, buscando entender o espaço escolar e a realidade que se aplica a cada aluno numa sociedade cada vez mais complexa e sob estímulos conflituosos.

No estágio, há uma troca de aprendizagem, pois tanto os alunos irão aprender os conteúdos referentes ao programa anual da disciplina, bem como os estagiários irão aprender e trazer em sua experiência estudantil um fundamento totalmente diferente daquele vivido em sua sala, enquanto um corpo discente do terceiro grau. Os estagiários aprendem a usar novos métodos de ensinar, adequando essas formulações à prática de ensino e se adequando a cada escola, turma ou sala de aula.

---

\* Acadêmica de História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.  
Email: m.claudino.oliveira@bol.com.br

Este trabalho expõe as estratégias de organização, elaboração e relato sobre as aulas realizadas no estágio. Discutiremos aspectos de como os alunos reagiram a nossa intervenção na sala de aula; como ensinamos e aprendemos com a professora e os alunos, usando métodos convencionais ou adaptados à realidade específica.

O ato de recordar nos faz pensar, refletir, sobre os fatos por nós vividos, e como contribuíram para o nosso processo de formação profissional e social, buscamos então evocar memórias durante a trajetória de vida escolar. Assim, tivemos por objetivo mostrando que é interessante colocar a história de vida em evidência como metodologia de investigação. Dessa forma buscaremos entender como a nossa autobiografia escolar nos ajudou no processo de formação de professores, que estávamos (ou ainda estamos envolvidos) e como utilizaremos os conhecimentos adquiridos ao longo de nossa trajetória de vida.

## **2 AUTOBIOGRAFIA E ESTÁGIO SUPERVISIONADO: breves considerações teóricas**

Os relatos autobiográficos servem como fonte de pesquisa em diversos campos das Humanidades. Bueno (2002), “afirma que aquele que narra sua história de vida sempre narra para alguém”. Nessa perspectiva, Catani (2003) “entende que o trabalho com história de vida, memória e autobiografia tem contribuído na pesquisa educacional e na formação para a construção de uma “contra- memória””. Podemos afirmar que a contra- memória é a desconstrução da memória, seja ela coletiva ou individual, que muitas vezes passam a ser moldadas em nossas mentes, de tais maneiras que nos fazem esquecer nossas próprias memórias com discursos oficiais ou institucionais que tentam ocultar aspectos do contexto escolar. Com um olhar mais aprofundado na nossa história de vida, podemos encontrar memórias de escolarização, que com o passar do tempo ficaram adormecidas, assim com pequenos fragmentos dessas memórias vão surgindo. E é com essas memórias muitas vezes guardadas lá no fundo de nossas mentes no processo de emersão é que vamos compreender e analisar nossa inserção na prática docente e na formação continuada de professores. Souza diz que:

Tenho percebido que as diferentes modalidades desenvolvidas sobre a formação, a partir do trabalho com as histórias de vida, tem centrado atenção e enfoques na formação continuada ou no desenvolvimento profissional de professores. (2004, p. 02)

Isso ocorrerá no nosso percurso memorial sobre a nossa formação, sendo problematizada desde os primeiros anos escolares, ao primeiro dia de aula, o primeiro professor, o caminho que fazíamos até a escola as dificuldades encontradas para que

pudéssemos frequentar, que vamos nos deparar com as mais diversas memórias de aprendizagem. Para Bolívar (2002), “no relato o sujeito repensa e reinventa sua vida, tomando consciência dos fatos e, portanto, podendo imaginar possibilidades de atuações futuras diferentes”. Outros autores apontam o estágio como um momento basilar na formação, pois é uma afirmação da dinâmica docente, possibilitando reflexões sobre o ato de ensinar. Conforme foi dito:

A medida que rememoram e narram suas experiências, os sujeitos se distanciam delas e refletem sobre as mesmas, percebendo outras possibilidades. Nesse sentido pode –se obter o redimensionamento de sua atuação, de sua própria existência em relação a experiência vivida e as aprendizagens construídas, dando novo rumo as suas ações futuras, no caso da experiência de estágio, redirecionando seu próprio processo de formação. (MARTINS, 2012, p.14)

Esses problemas referentes ao processo educativo no estágio, bem como as próprias memórias discentes de cada um dos envolvidos na fase intermediária entre a graduação e o exercício profissional do docente, demonstra as possibilidades de uma adesão ao projeto futuro de tornar-se um professor. O estágio termina por acentuar os contornos de variáveis de realidades educacionais com as quais o futuro profissional docente terá relação, sendo um motivo para a desistência de tantos, devido à crise do sistema escolar.

As reflexões sobre memória e estágio tem gerado diversas avaliações e análises, através de uma variedade de trabalhos científicos, pois situam a diversidade das condições enfrentadas pelos docentes e discentes na estrutura educativa. É bastante ampla as possibilidades de estudo com as narrativas autobiográficas, sendo que alguns pesquisadores já lançaram alguns olhares sobre as condições específicas da Paraíba.

Segundo Paiva Neto:

A partir de alguns indícios presentes nos relatos autobiográficos poderemos encontrar respostas para as condições de ensino de história nas áreas rurais ou em cidades situadas em microrregiões periféricas do estado da Paraíba. Ademais como reverberam na graduação de História. (2015, p. 294).

A reflexão do autor ao associar a questão autobiográfica com os cursos de graduação em História da Paraíba, e, sobretudo, o do Câmpus III, que recebe estudantes de áreas periféricas dos estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Muitos desses alunos são oriundos das periferias urbanas e áreas rurais, trazendo consigo histórias de vida de exclusão, de escolas com sérios problemas infra estruturais e de limites na formação docente. Além disso, a própria condição econômica de muitos desses estudantes os faz convergir para graduações em licenciaturas, considerando os limites para o ingresso nos cursos comumente

classificados como os de “elite”. Existe, assim, uma modalidade de reprodução social, através de uma inclusão parcial dos filhos dos trabalhadores ao terceiro grau.

Portanto, as histórias de vida da educação têm forte influências sobre as questões teórico-metodológicas com enraizamento cultural e social, possibilitando também que os estudantes possam fazer os seus próprios registros autobiográficos, abordando os seus percursos para o ingresso e conclusão das licenciaturas. A partir da escrita sobre suas próprias memórias escolares e das suas identidades sociais, o sujeito produz não só uma escrita sua, mas sobre o cotidiano, as experiências formadoras e os saberes de uma determinada região ou de uma sociedade. “Os memoriais de formação, são utilizados para registrar as trajetórias do desenvolvimento humano” (Martins, 2012, p.14), considerando as distinções próprias das regiões e os aspectos distintivos de grupos/classes sociais.

Todos nós temos histórias para contar, que variam de cenário para cada pessoa, mas que possuem convergências ou divergências sociais. Dessa forma ao escrever sobre si o sujeito deve se apropriar de nexos teóricos e metodológicos de organização da escrita, pondo em evidência o processo de transformação cultural. Durante toda a sua trajetória de vida, sempre destacando a escrita sobre uma identidade individual/coletiva, mostrando a importância não só das reflexões autobiográficas acerca das memórias sócias, mas da fase vivida por cada indivíduo e sua contribuição nos estágios e nas licenciaturas. É a partir das histórias de vida contadas em memoriais com um aspecto autobiográfico, que vamos conhecer sobre as experiências social e o desenvolvimento específico de cada indivíduo. Pois é, quando vemos alguém formado não imaginamos muitas das vivências pelas quais essa pessoa passou até conseguir fazer uma graduação na nossa região, o Nordeste do Brasil. E é ao falar sobre si, que começamos a conhecer as origens muitas vezes oriundas de contextos sociais específicos. Dessa forma os estudos com a histórias de vida vem se tornando cada vez mais amplo na área da educação por trazer nessas memórias, questões sociais.

### **3 MEMORIAL**

Chamo-me Michelle Claudino De Oliveira, sou acadêmica do curso de História. Os meus estudos iniciais ocorreram na Escola Walfredo Cantalice Trindade, que é localizada na zona rural de Pirpirituba/PB. No entanto, eu e minha família, residíamos no município de Pilõezinhos/PB, que não possuía nem uma escola. Por isso, tive que estudar em outro município.

Alguns municípios ficam próximos, inclusive o de Guarabira/PB. Porém, apesar de os municípios serem próximos entre si, considerando a pequena distância entre Pilõezinhos e Guarabira, a escola ficava muito longe de onde eu morava. Por isso era muito cansativo ir à escola, demonstrando uma posição precária do Estado, quanto aos fundamentos de uma escola voltada para as periferias regionais e os grandes centros. Eu era muito pequena, mas mesmo assim era muito prazeroso estudar. Apesar das dificuldades inerentes à distância eu adorava ir à escola. Gostava muito da minha “Tia Nevinha”. As “tias” eram as professoras, que comumente receberam esse título familiar, talvez refletindo a afetividade destinada pelas famílias às responsáveis pela educação formal das crianças. E na nossa escola era assim, que todos os seus pequeninos alunos chamavam nossa primeira professora.

Como o caminho até à escola era muito longo, não faltavam brincadeiras e às vezes algumas briguinhas também. Estudei lá por vários anos, até a 4ª série. Na 4º série sala tinha apenas oito alunos, por isso era junto com a 3ª série. Comumente nas escolas das áreas periféricas e rurais é possível ainda hoje encontrar turmas multisseriadas.

Quando fui para a 5ª série, mudei de escola e fui estudar na Escola Humberto Lucena, localizada na cidade de Pirpirituba/PB. Lá ainda estava se iniciando a 5ª série. Posso dizer que fui uma aluna fundadora na escola, devido ao fato de que lá ainda estava se iniciando a 5º série e agora um novo passo estava sendo dado, e, posteriormente, a cada ano, tínhamos uma nova série até chegarmos a 8ª série.

Contudo, a distância ficou ainda maior. Eu e os colegas, tínhamos, que sair de casa muito cedo para pegar o ônibus e, ainda, andávamos uma distância muito grande. A vinda também não era muito boa, principalmente nas noites chuvosas, pois faltava ruas calçadas. Fiquei na escola Humberto Lucena até a 6ª série, depois resolvi mudar de escola, indo estudar na Escola Osmar de Aquino, que fica na cidade de Guarabira/PB. Gostei de estudar lá, porque minhas primas estudavam lá e também outros amigos, refletindo um espaço mais favorável à sociabilidade

Fiquei lá apenas dois anos, só a 7ª e 8ª série. Não quis concluir lá, devido ao fato de ser voltada ao magistério. Eu não possuía identidade com os estudos voltados ao magistério, porque, ainda não tinha resolvido bem o que queria ser mais, como ainda tinha muito tempo pois ainda estava 8º série, fui para a Escola Estadual Professor José Soares de Carvalho, que se localiza em Guarabira/PB. No primeiro ano eu e os colegas não ficamos exatamente na escola, pois fomos mandados para outra instituição, onde funcionária apenas o ensino médio, devido a Escola está em reforma. No meio do ano voltamos para a escola e tudo voltou ao normal. A escola para onde fomos mandados já não funcionava a bastante tempo, por isso

fomos mandados para lá. Até sairmos ela continuou fechada por um longo tempo e hoje nos dias atuais foi implantada a delegacia, demonstrando como é complexa a relação do Estado com a educação, porque se trata de um bairro periférico, onde se fecha uma unidade de ensino para implantar uma unidade de controle social a tantos que marginalizados socialmente tiveram a vida escolar comprometida e foram assediados para atividades laborativas em condições precárias e, alguns, ingressaram em atividades marginais. Não fosse isso, o que explicaria a substituição de uma escola por uma delegacia?

Em 2009 fiz um curso a noite de pré –vestibular, cursinhos que na maioria das vezes são particulares e que ajudam o aluno em disciplinas de ENEM, considerando a deficiência no ensino, anteriormente mencionadas. Depois, voltei para o Osmar de Aquino (Guarabira/PB), pois decidi fazer o magistério. Apenas iniciei, mas não terminei, porque fiz o vestibular novamente, passando para o curso de História na Universidade Estadual da Paraíba. Foi um longo caminho percorrido, mas finalmente tinha conseguido o ingresso no ensino superior em uma universidade pública. A relação com a formação voltada para o ensino voltou a fazer parte da minha trajetória, mas agora com possibilidades mais amplas, considerando também o fato de muitos estudantes ingressarem no ensino superior e não concluírem.

Vinda de uma família de agricultores e com pouquíssimas pessoas formadas na família, apesar de todas as dificuldades enfrentadas foi um grande êxito o ingresso no ensino superior. Na minha família já tem pessoas, que assim como eu já estão mais perto do diploma no ensino superior, isso para meus avós passa a ser sinônimo de orgulho, pois eles nunca tiveram a oportunidade de estudar e nem de oferecer estudos aos filhos, sendo que alguns são analfabetos também. Meu pai e minha mãe estudaram muito pouco, como tantos brasileiros de áreas rurais, que tiveram de trabalhar desde da infância. Meu pai estudou até 3º série do antigo ginásio e minha mãe, também, refletindo na condição de um acesso elementar ao ensino, que se voltou para operações básicas e uma leitura bastante limitada.

Nessa época era comum que as pessoas não tivessem tanto acesso à escola, as dificuldades eram inerentes à vida no campo. Por isso meu pai sempre incentivou muito que eu e meu irmão estudássemos. Ele não gostava que nós faltássemos aula e sempre estava disposto a me ensinar as tarefas do jardim de infância. Dizia-me que eu ia ser professora, pois para ele seria a profissão que eu teria mais acesso, já que para estudar fora não havia tantas condições. E em Guarabira havia os cursos de graduação voltados para as licenciaturas. É normal ainda nos dias atuais as pessoas acharem ainda, que a única profissão que o pobre pode ter mais acesso para se formar é a de professor. E de algum modo existe uma certa desvalorização social da profissão de professor, embora mascarada.

### 3.1 Reconhecimento do campo de estágio

A escola Estadual Monsenhor Emiliano de Cristo, mais conhecida como “Polivalente” (Guarabira/PB), foi o nosso campo de estágio. Em 2014, essa escola tinha como gestoras Lúcia Ângela dos Anjos Marreiro e Maria José da Silva Santos, que foram escolhidas através de eleições no âmbito da escola. E para atender as necessidades de aprendizagem dos alunos, a escola funciona em três turnos: matutino, vespertino e noturno, tem 510 alunos matriculados sendo 60% do sexo feminino e 40% do sexo masculino, os alunos são da própria cidade e a maioria mora no mesmo bairro, onde fica a escola.

A instituição escolar conta com 38 professores, na direção (02) duas adjuntas (1 diretora), (01) uma supervisora, (01) um coordenador, (01) uma assistente de direção, (01) um inspetor, merendeiras, vigias e serventes. Não possuem bibliotecários, apoio médico, apoio jurídico e, tampouco, grêmios estudantis.

Sua estrutura física é composta com 19 salas com espaço amplo, mais funcionam apenas 16; possui (01) uma sala de multimídia; (01) uma sala para direção; (01) uma secretaria; (01) uma biblioteca; (01) uma sala para professores; (01) um laboratório de informática; (01) uma cantina, onde é servida a merenda para os alunos; (01) um auditório; (01) uma cozinha; (04) quatro banheiros, sendo um masculino e outro feminino para os alunos, e os demais reservados para os docentes e funcionários; (01) um ginásio poliesportivo que ainda está em reforma e bebedouros. A escola não possui ônibus específico.

A escola possui equipamentos eletrônicos como Datashow, televisores, computadores, DVD, além de conexão com a internet. Uma biblioteca com livros didáticos e paradidáticos e também dicionários de português, inglês e espanhol.

A escola possui um ateliê de pintura, dinamizando a produção artística dos discentes. Inclusive, a escola é decorada com quadros que os alunos pintam no ateliê. As atividades artísticas desdobram-se na área musical, porque a instituição possui também uma banda marcial.

A merenda escolar fornecida aos alunos é servida no intervalo das aulas, seguindo um padrão estabelecido e seguido em toda a rede pública. O cardápio do dia varia entre sopa, cuscuz com molho de salsicha arroz doce, mangunzá ou macarrão com sardinha, que é servido aos alunos professores e funcionários.

Bimestralmente são realizadas reuniões com os pais. A escola possui ensino religioso no 9º ano. E mantém parcerias com escolas municipais e com a AMEC (ASSOCIAÇÃO MENORES COM CRISTO). A escola desenvolve vários projetos como: passeios ciclísticos,

exposições de arte e cultura, formatura, gincana e feira de ciências; e trabalham com as datas comemorativas como: o dia da acolhida (visando receber os estudantes), Dia da mulher (em virtude do empoderamento das mulheres na sociedade contemporânea), Dia mundial da água (decorrente das ações dos ecologistas), Páscoa (relacionado à cultura cristã), dia da amizade, dia do estudante, dia das mães, dia dos pais, além do dia professor e do estudante.

As avaliações são contínuas, mas não raramente, as semanas de provas são de algum modo clássicas no calendário escolar

#### **4 O ENSINO DE HISTÓRIA – Elaboração das aulas.**

Desde o início de nossas vidas, ouvimos histórias de todos os tipos, sejam elas lendas, histórias de nossa família ou de pessoas que nem conhecemos, ou até mesmo pequenos fatos sobre nós que não nos recordamos. Interessamos como historiadora em formação os cruzamentos entre a História e a memória dos indivíduos, sobretudo, as escolares, que buscamos discutir neste texto.

E é na escola, onde passamos a entender um pouco mais do contexto histórico, fazendo que possamos perceber o lugar que ocupamos na sociedade. No entanto, é necessário que o professor rompa a barreira, vá além das determinações sociais. E no caso escolar, talvez um dos maiores determinadores de uma leitura das sociedades é o livro didático, que traz consigo um conteúdo pronto. Borges e Braga discutem que:

O ensino de história não pode reduzir-se a memorização de fatos a informação, detalhada dos eventos, ao acúmulo de dados sobre as circunstâncias nas quais ocorreram. A história não é simplesmente um fato periférico, não é o elogio a figuras ilustres. Ela não é um campo neutro. É um lugar de debate, às vezes de conflitos. É um campo de pesquisa e produção do que está longe de apontar para o consenso. (2001, p.5)

Para muitas pessoas ensinar história parece ser algo bem simples, pois quando perguntamos as pessoas o que a história estuda logo vem em mente “o passado “ sendo assim muitos esquecem que estudar a história não se aplica objetivamente só no estudo do passado em lembrar datas, mais sim aprender a entender o passado, e como esse estudo contribuirá para a nossa formação social. Nos ensinando a pensar, a levantar debates, questões, problemas, atuando como sujeitos históricos.

Ao professor fica a difícil tarefa de despertar no aluno o interesse por essas questões, em um mundo cada vez mais tecnológico. Assim o professor tem o desafio de sempre está pensando, mudando sua prática de ensino buscando sempre novas estratégias que se adequem



a cada escola, sala ou aluno, muitas vezes no limite com falta de material, entre outros. Desta mesma forma os estagiários passam enfrentar as mesmas dificuldades que os professores enfrentam e ao mesmo tempo tendo que estabelecer a relação entre prática e teoria.

A partir do momento que iniciamos nossos estágios passamos a entender melhor como funciona a relação de prática e teoria. E é a partir desse momento que teremos uma visão diferente do que é ser professor e todas as dificuldades por eles enfrentadas.

Primeiramente selecionamos a Escola, em seguida nos direcionamos à instituição para conversar com a diretora. Fomos recebidos, que nos acolheu muito bem e que se colocou a nossa disposição para qualquer assunto referente ao estágio. Após a concessão da autorização pela direção, fomos apresentados à professora Lizieux Alves dos Anjos Marreiro responsável pela turma, que nos notificou sobre o tema da aula posterior: “Euforia, depressão e recuperação dos Estados Unidos e Segunda Guerra Mundial”.

Escolhemos um dia da semana que não viesse atrapalhar nossas outras aulas, as quintas-feiras. Ficamos com 1º e 2º horário, que tinha início às 19:00 horas e término às 20:15 horas na turma do 3º ano do, Educação dos jovens e adultos (EJA). Íamos iniciar nossas aulas no dia 15 de maio de 2014. No entanto, alguns imprevistos aconteceram que nos impediu, pois nesse dia estava acontecendo a Comemoração do dia das Mães, devido esse motivo, nossa primeira aula foi adiada para o dia 22 de maio à noite. Os alunos tinham entre 20 (vinte) a 38 (trinta e oito) anos de idade, a maioria trabalhava durante o período do dia. É comum alunos do Educação de jovens e adultos trabalharem durante o dia.

Pensamos em fazer uma aula com vídeo, que mostrasse um pouco do assunto, usando o livro didático. Como o tempo era pouco e o assunto extenso, resolvemos mudar nossa estratégia didática: não usamos o vídeo, mas o livro didático que era bastante convencional e trabalhava o cronológico. Selecionamos alguns textos da internet para complementar a aula. Privilegiamos sempre o nosso trabalho em cima da leitura e o conhecimento prévio dos alunos, desenvolvendo atividades com questões de ENEM e outras que elaboramos

Planejamos cada dia de aula como forma de termos êxito no nosso estágio docente. No dia 22 de maio, que foi efetivamente o nosso primeiro dia sobre a “A crise de 29”. Íamos iniciar explicando, como foi o processo ocorrido no ano de 1929, como os Estados Unidos viviam em prosperidade e foi um dos únicos países envolvidos na Primeira Guerra Mundial que não tinha saído com suas finanças abaladas, ao contrário, estavam com uma economia mais pujante que antes. Problematizamos como o Taylorismo e o Fordismo contribuíram para a euforia dos Estados Unidos. Discutimos o assunto, mostrando como os americanos mudaram o seu padrão de vida e passaram a consumir mais. Debatesmos o assunto sempre

focando no conhecimento prévio dos alunos e usando exemplos de como as pessoas eram incentivadas pelas propagandas comprar e consumir supérfluos, bem como hoje ainda existe esse mesmo incentivo pelas propagandas ao consumismo.

Usamos o livro didático e outros textos retirados da internet, para nos auxiliar pensamos em usar o livro em sala de aula, tivemos que pegar emprestado na biblioteca da escola, pois eles não tinham livros. O que quase sempre acontece na Educação de jovens e adultos é de não terem livro didático. Apesar de ser de extrema importância na educação como instrumento de apoio para os professores de todas as áreas. O livro didático ainda é uma peça que se encontra em falta na sala de aula, o livro se torna uma das principais fontes impressas em sala de aula, principalmente no ensino público, sendo usado por professores e alunos de diversas áreas do ensino, sendo muitas vezes utilizado por completo e de forma mais rigorosa, usando até os exercícios que nele se aplica. Alguns professores, no entanto, variam a forma do uso do livro didático, sempre inovando as aulas, mas nunca sem deixar e lado o livro didático, e sempre o usando como apoio.

No primeiro dia devido ao tempo ser bastante curto e o assunto ser extenso, não deu tempo concluir as atividades no mesmo dia.

No dia 29 de maio, retornamos à escola para nossa segunda aula, que foi a conclusão do assunto e das atividades. Como nossa turma era de terceiro ano e estavam nos preparando para o ENEM, trabalhamos algumas questões desse tipo de seleção e outras, que elaboramos. A professora gostou da ideia de usarmos questões de ENEM.

Explicamos a turma o que eles iam fazer e deixamos eles responderem. As questões eram de múltipla escolha. Alguns tiveram dúvidas e nos perguntaram, mas a maioria dos alunos respondeu todas as questões.

No dia 05 de junho foi a nossa terceira aula e nosso último dia no estágio. O assunto foi sobre a Segunda Guerra Mundial. Como o assunto era muito grande e nosso tempo pequeno, resolvemos fazer da seguinte forma: uma breve explicação sobre o tema, dividimos em frases e distribuimos entre os alunos, cada aluno lia uma frase e nós explicamos e debatemos junto com a turma. Mostramos que a Segunda Guerra Mundial foi sangrenta e abalou o mundo inteiro. Falamos do regime fascista e neonazista, seus líderes e aliados, como a população sofreu com o regime autoritário e os ditadores Adolf Hitler e Mussolini; a política de alianças e quem não aceitava o regime autoritário; falamos de como a população encarou aquela guerra tão sangrenta. E como os grupos de civis lutaram contra a guerra e receberam nomes de revoltosos. Como a guerra deixou vários produtos escassos e fez com que a população aprendesse a criar estratégias de sobrevivência.

Seguimos o nosso plano de aula de acordo com o que havíamos planejado, os alunos de certa forma nos ajudaram, pois em nosso plano de aula incluía a participação de todos e eles participaram de todas as aulas, lendo e sempre fazendo perguntas, isso foi uma das coisas que me surpreendeu, pois eles interagiram em todas as aulas.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de toda a pesquisa realizada neste trabalho ficou claro que o uso da autobiografia é muito importante para a formação docente, e que a história de vida de cada indivíduo tem influência sobre as questões teóricas – metodológicas, culturais e, mais amplamente, sociais. Desta forma pode-se afirmar que a escrita sobre si não apenas nos faz refletir sobre pequenas memórias de nossas vidas, mas sobre nosso cotidiano, nossa cultura e como podemos usar todo conhecimento adquirido ao longo de todo processo de formação como cidadão e profissional em sala de aula. Esses fatores podem suscitar em nós o desejo de construir uma sociedade menos excludente, embora pesem sobre nós questões de ordem geopolítica e dominações sociais enraizadas.

No estágio que realizei na Escola Monsenhor Emiliano de Cristo, aprendi muito com os temas, pois a prática de ensino nos exige uma leitura voltada para uma atividade específica, que é adaptar a linguagem e as informações ao público presente. Foram temas bem importantes para todo o mundo. Todas essas aulas nos fizeram refletir sobre qual metodologia deveria ser usada em sala de aula. O estágio também faz com que muitas vezes tenhamos que romper velhas opiniões formadas sem nenhuma reflexão com as fontes históricas e é nesse momento que paramos para pensar e refletir sobre como nossas memórias de vida irão nos ajudar a romper tais barreiras. E enfrentar as dificuldades vivenciadas pelos professores no seu dia a dia.

AUTOBIOGRAPHY AND TEACHER TRAINING: REFLECTIONS ON  
SCHOOL EXPERIENCE.

**ABSTRACT**

The purpose of this article is to analyze our education, evaluating the limits of teaching in a peripheral area of a peripheral region of Brazil. We seek to reflect on the importance of autobiography in the training of teaching professionals relating to our own memories, which helped us trace teaching strategies in our training course. We use the bibliographic review methodology of authors such as: Catani (2003), Bolivar (2002), Martins (2012), P Neto (2015), Borges and Braga (2001), Souza (2004), Bueno (2002) discussing the importance of memory in professional training and as a source of research in the formation of every student. So, finally, we had the goal to expose the Organization, drafting strategies and reports school, performed on stage, in high school, Monsenhor Emiliano de Cristo (Polivalente) located in the city of Guarabira/PB.

**Keywords:** Memory. Autobiography. Teacher training.

**REFERÊNCIAS**

BORGES, Maria Aparecida Quadros; BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. **O ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental.**

Disponível em: [http://www.unilestemg.br/revistaonline/volumes/01/downloads/artigo\\_09.doc](http://www.unilestemg.br/revistaonline/volumes/01/downloads/artigo_09.doc).

BOLIVAR, A. (Dir.). **Profissão professor: o itinerário profissional e a construção da escola.** Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BUENO, Belmira oliveira. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade** – Educação e pesquisa, São Paulo, v 2, 28, nº 1p.11-30, jan/jun.2002.

CATANI, D. et al. (Org.). **Docência, memória e gênero: memória e gênero estudos sobre formação.** São Paulo: Escrituras. 1997.

MARTINS, Rosana Maria. **Estágio supervisionado em memoriais de formação: As narrativas (auto) biográficas de licenciandas sobre a futura atuação profissional.** Campinas: Junqueira&editores, 2012.

PAIVA NETO, Francisco Fagundes de. **Práticas de memória nos relatórios em História: breves reflexões sobre autobiografias.** In: Revista Latino – Americana de História, São Leopoldo, 2015, p 294 -309.

SOUZA, E. C. **Memórias e trajetórias de escolarização: abordagem experiencial e formação de professores para as séries iniciais do ensino fundamental.** In: 27ª Reunião Anual da ANPED, 2004, Caxambu – MG. Anais 27ª ANPED, 2004.